

FH pede nova agenda para governo e oposição

Após seis meses no exterior, ex-presidente alerta para riscos da volta, com o PT, da visão do Brasil-potência

ENTREVISTA

Fernando Henrique Cardoso

que Cardoso está de volta ao Brasil. Ele passou a última semana da temporada americana em Nova York, onde saboreou a liberdade de ser ex-presidente: andou com prazer sozinho pelas ruas, conversou e riu com amigos, longe das pompas do poder. Falou

Depois de seis meses nos EUA, Fernando Henri-

ao GLOBO horas antes de embarcar para o Brasil e, apesar de às vezes bater duro no governo, fez questão o tempo todo de ressaltar que estava apenas usando sua prerrogativa de intelectual para pensar o país. “Vou ser ex-presidente, posição que ninguém mais assumiu desde a República Velha”. Seu entusiasmo está direcionado para o Instituto FHC que será inaugurado com pompa no dia 22 de maio. Na pla-

téia de convidados uma constelação de estrelas: de Bill Clinton a Daniel Cohn-Bendit. Sobre o governo Lula, diz: “No sentido moderno da palavra eu fui muito mais de esquerda que o PT. O problema de certas pessoas do PT é que elas acham que são Pedro Álvares Cabral, estão descobrindo o Brasil agora”. Segundo Fernando Henrique, o Brasil precisa de uma nova agenda, e isso inclui até o seu PSDB.

Helena Celestino

Correspondente • NOVA YORK

O GLOBO: Qual sua perspectiva agora ao voltar para o Brasil?

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO: Estou muito concentrado em montar o instituto e terminar os trabalhos que tenho de escrever. Isto não quer dizer que vou me desinteressar da política, mas não vou me meter no dia-a-dia da coisa partidária. Vou conversar com todos os líderes do PSDB, como sempre converso. Não só do PSDB, do PFL, de toda a parte. Mas não acho que seja construtivo ficar no pingue-pongue, no dia-a-dia. Não é útil para o PSDB nem para mim.

• O senhor vai participar da campanha para prefeitura?

FERNANDO HENRIQUE: Se acharem que sou útil, vou. Como presidente, não entrei em campanha de prefeituras. Quando tiver de dar depoimento na TV, dou. Mas não me vejo em comício, onde nunca me senti muito à vontade. Manifestar minha opinião, sim. O Brasil está precisando urgentemente de uma nova agenda. O PSDB, especialmente.

• Quais são os temas da agenda que o senhor quer levar para a discussão?

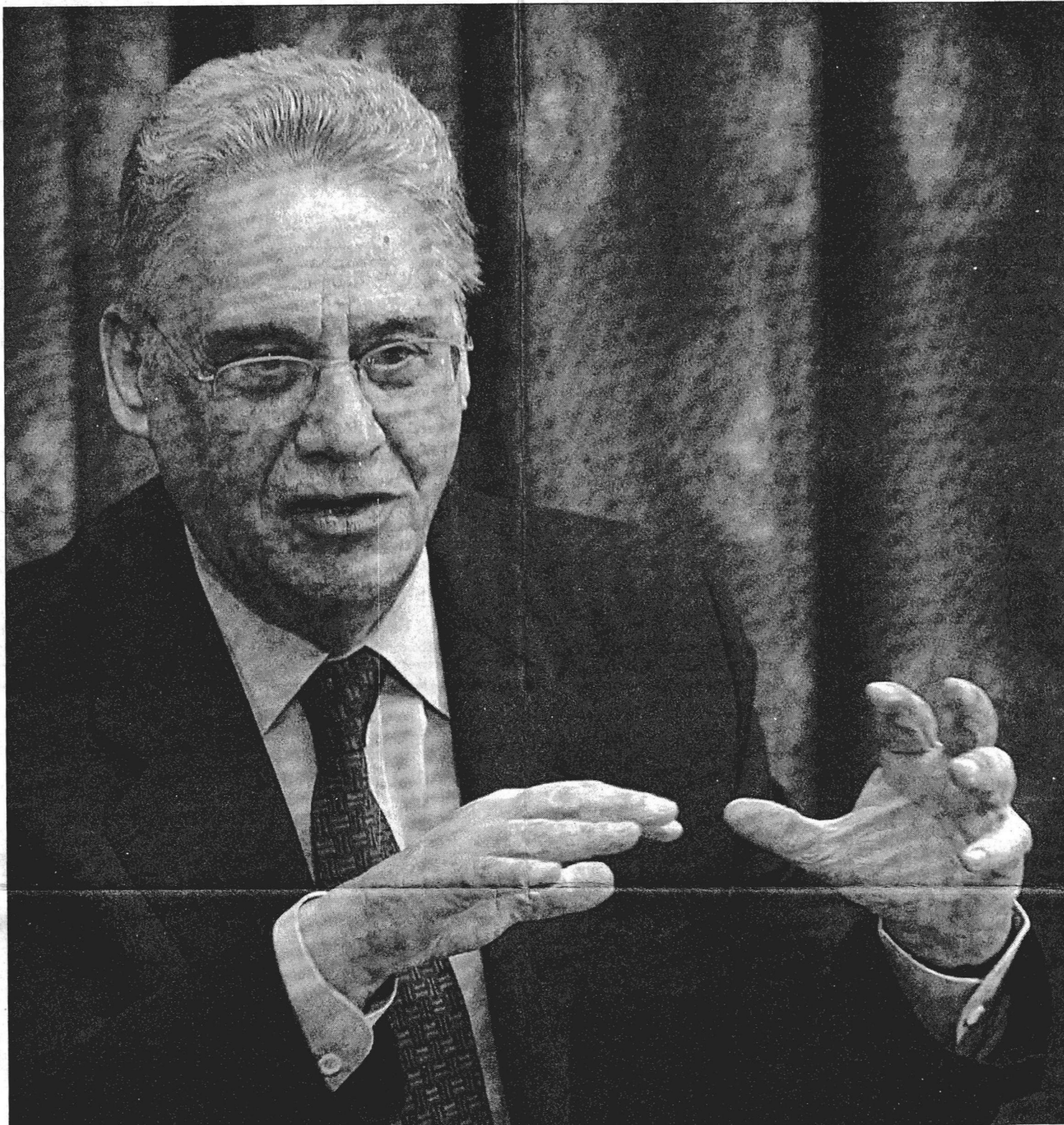
FERNANDO HENRIQUE: Temos hoje no Brasil dois riscos. Um é uma volta à visão do período militar, do Brasil-potência, reinterpretada pela esquerda. Como se isso valesse a pena para o povo. Em vez de canhão, manteiga. Isto é visto, por exemplo, nas declarações do ex-ministro Roberto Amaral sobre a bomba-atômica e de alguns setores econômicos-empresariais. A idéia que o bom para o Brasil é o país ter uma presença militar e ter uma atitude agressiva com relação aos focos de poder. E isso vem junto com uma visão quase mercantilista de que o bom é fechar e de que, na economia, quanto mais você exportar e menos importar melhor é. Isso é um perigo.

• O senhor identifica esse comportamento na intenção do governo de liderar a América do Sul e criar um bloco dos países do Sul?

FERNANDO HENRIQUE: Vejo indícios sim. O Brasil sempre vai liderar a América do Sul, mas a afirmação agressiva disso é negativa. Liderança não se proclama, se exerce. Tudo o que for aliança para o comércio, acho bom, precisa de mercado. A idéia de pensar que vai se liderar um bloco contra outro bloco, acho ultrapassada. O G-20 foi positivo, foi bom. Em Doha, fizemos isso, com a diferença que lá ganhamos e, em Cancún, não conseguimos ainda as vantagens para o Brasil. A política é a mesma, não acho que mudou. Na retórica, talvez, quando ela deixa de ser um bloco na defesa dos interesses do Brasil e passa a ter a outra idéia, de um grupo de países ricos contra grupos de países pobres. Isso acho infantil. Não é assim que vai se mudar a ordem mundial.

• Lula acentua que o Brasil mudou a sua postura nos organismos internacionais, não entra mais como pedinte.

FERNANDO HENRIQUE: Não é agora, nós sempre fizemos isso. O problema de certas



FERNANDO HENRIQUE: os programas dos candidatos democratas nos Estados Unidos são protecionistas e preocupam: “São todos petistas”

pessoas do PT é que acham que são Pedro Álvares Cabral, estão descobrindo o Brasil agora. Não acho que o Brasil vai partir para o confronto com as nações ricas, é só retórica. Mas para que fazer visita à Síria? Gesto gratuito, em política, paga-se um preço.

• O senhor falou em dois riscos. Qual é o segundo?

FERNANDO HENRIQUE: Voltar a crer que, para avançar, o país precisa de um Estado intervencionista. Não é um Estado ativo, competente, isso precisa mesmo. Mas um Estado que substitua as forças da sociedade civil, isso leva à burocratização e à outra idéia, muito comum no Brasil, de que falta um projeto nacional. Por projeto nacional se entende um grupo de intelectuais, às vezes encastelado num partido e às vezes não, que define um objetivo para o país. E que substitui a dinâmica da sociedade. Isso é arcaico. Tem que ter valores e interesses nacionais. A idéia de ter um projeto que se incorpora numa burocracia, e essa burocracia leva o país para frente, é bolchevique. Acho mais preocupante, corre o risco de confundir o Estado com a burocracia ou com o partido. São coisas abstratas mas que têm efeitos práticos.

• Dê exemplos de casos em que isso acontece.

FERNANDO HENRIQUE: Dizer que as agências reguladoras foram uma terceirização

“Apostar só no crescimento é cair numa armadilha. Crescimento depende mais do mercado do que de políticas públicas nacionais. E pode vir sem criação de emprego”

do Estado. Errado. Não acho correto o que o PT está fazendo de aparelhamento do Estado. O PT está fazendo isso por razões políticas, não populistas, um burocratismo não-populista. É uma visão de partido de esquerda, sem implementar políticas de esquerda. O burocratismo freia o movimento da sociedade, põe a sociedade civil dentro do governo, tira a força dela.

• Teoricamente é um governo de esquerda, no qual a sociedade civil está representada?

FERNANDO HENRIQUE: O que é a esquerda? A esquerda é a luta contra injustiça, igualdade de gênero, todos esses valores culturais, mobilidade da sociedade, não-burocracia. É distribuição de renda que vem a partir da ativação da sociedade e não das migalhas do Estado. No sentido moderno, fui muito mais de esquerda. Toda a força de direitos humanos, gênero, negros, nesta acepção. Fui criticado pela esquerda antiga que queria um governo mais estatizante e intervencionista. Não falo isso para criticar o PT; me critica-

ram tanto pelas alianças, não estão fazendo as mesmas? E em cima de cargos. Não critico as alianças porque sei que têm de fazer, a questão é o que se faz com as alianças.

• O senhor sempre disse que o PT não tinha projeto de governo. Ainda acha isso?

FERNANDO HENRIQUE: Lógico, o PT tem apenas uma idéia generosa. Lula vai acabar descobrindo um caminho. Tem momentos da História que você tem condições de mudar o quadro. Na História recente do país, houve dois fatores muito fortes, a Assembléia Constituinte e a estabilização da economia. De alguma maneira, nos anos que atuei no Brasil aconteceram a convergência desses dois fatores. Coube a mim incorporar estas formulações, a conjugação da democracia com a estabilização da economia, o que permitiu novas instituições e abriu um espaço para o Brasil mudar. Não adianta querer fazer porque não tem espaço neste momento para grandes mudanças.

• O país elegeu Lula porque

“Não critico as alianças porque sei que têm de fazer, a questão é o que se faz com as alianças: me criticaram tanto pelas alianças, não estão fazendo as mesmas?”

queria mudanças.

FERNANDO HENRIQUE: O que o país queria é mais bem-estar, é natural. Quando começa a mudar, aumenta as expectativas, as pessoas querem mais. O PT passou o tempo todo combatendo as mudanças, dizendo que ia mudar muito, para melhor. Quando chegou lá, assumiu as mudanças que fiz por que viu responsabilmente que tinha que fazer. Não fez autocrítica, quem fez foi Heloisa Helena, que disse que teria de fazer um ato de contrição. Não me molesta Lula achar que é Pedro Álvares Cabral, falar em herança maldita, está errado. Mas esse erro é menor diante do que está

“Acho infantil a idéia de um grupo de países ricos contra grupos de países pobres”

refazendo, que é agir responsabilmente. Pior se quisesse destruir a herança. Cada período é um. Eu, se estivesse no poder agora, não faria a mesma coisa. Na área social não centralizaria, daria mais força à sociedade do que ao Estado e à burocracia. Tenho muito medo da máquina que se cria para centralizar. Com a visão de se ter alguma coisa asséptica e centralizada, só ganha o partido. É a minha discordância de fundo, porque sou democrata. Sou mais pelas cem flores do Mao Tsé-Tung. Deixa vir mais programas, um é melhor, outro pior. O pensamento único que eles me acusavam é esse, o Estado, que tem tudo em ordem, planeja, vai lá e faz. Não dá certo, nunca deu. Isto é apenas um aspecto, tem que esperar para analisar depois, mas algumas coisas estão emperradas: a re-

forma agrária parou, investimentos em ciência e tecnologia pararam. Os programas sociais não mudaram, nós que inventamos. Não estou criticando Lula, mas eu não seria favorável a um Ministério do Desenvolvimento Social. Nas áreas fundamentais, não convém mudar ministro.

• O senhor acha que é um erro apostar no crescimento para aumentar o emprego e diminuir a desigualdade?

FERNANDO HENRIQUE: Não tenho dúvida que é um engano. Os governos em geral são reféns do mercado, principalmente do mercado financeiro, o que é pior. Crescimento hoje depende mais do mercado do que de políticas públicas nacionais. O crescimento pode vir sem criação de emprego. O que não quer dizer que não tenha que ter crescimento, o problema é apostar tudo nisso. Um exemplo é os anos 70, época em que se cresceu mas o povo ia mal. O que eu tenho medo é não entender que a dinâmica do mundo de hoje requer mais participação, mais democracia, mais *softpower*. O outro lado, o *hardpower*, o do investimento, é mais lento e talvez não venha. Apostar só no crescimento é cair numa armadilha. Lula está caindo na armadilha que é julgar o governo dele pelo crescimento.

• Como vai ser possível o país sair da armadilha dos juros altos para conter inflação, que aumentam a dívida interna?

FERNANDO HENRIQUE: O Brasil mantém juros altos por razões internas, para conter a inflação e pelo fato de que o governo é o maior devedor. O governo suga toda a poupança interna. Para sair disso, só exportando mais. Nós mudamos a política de exportação, o PT diz que foram eles. A agricultura saiu do buraco, a indústria se modernizou. Só se saiu disso aumentando investimento, não tem outro jeito. Tem que fazer mais reformas para equilibrar as contas — no caso do Brasil, a da Previdência — e ter condições de aumentar investimentos. O principal investimento não é dinheiro, é humano e isso não se resolve do dia para a noite. Educação, universidade, ciência e tecnologia, não faz um país em três anos, faz em 20. Acho que o Brasil em 20 anos, mantidas as condições atuais — e o Lula manteve — será outro: mais educado, com mais produtividade. Isso não se resolve com um ano de crescimento. Temos a idéia no Brasil de que se o governo fizer certas coisas resolve o problema. Não resolve, o problema é da sociedade, é do modo de produção do capitalismo.

• E sobre os EUA, o senhor vê possibilidades de George W. Bush perder a eleição?

FERNANDO HENRIQUE: Pode, mas é cedo para dizer. Depende de quão central vai ser a questão da guerra e da mentira sobre as armas nucleares. Qual vai ser o efeito da economia, vai depender disso e do candidato democrata. John Kerry, o mais provável, tem boa biografia. Mas me preocupa uma coisa em relação ao Brasil: todos os candidatos democratas são contra livre comércio, acesso aberto aos mercados. São todos petistas. ■